

# Pesquisa vê preconceito na hora da seleção

Seis em cada dez profissionais negros relatam ter sido preteridos em entrevistas de emprego

Renato Jalatas

Os números e a mera observação mostram que é muito difícil para um negro chegar ao topo da carreira dentro de uma empresa. Mas as dificuldades no mercado de trabalho vão muito além disso. Segundo pesquisa feita pelo Instituto Locomotiva para a Central Única das Favelas (Cufa), seis em cada dez trabalhadores negros dizem já ter se sentido preteridos em uma entrevista de emprego por conta da cor da pele.

O levantamento também mostra que, para quem supera o processo de seleção, os desafios podem continuar. Cerca de 40% dos entrevistados disseram que sofrem ou já sofreram preconceito por causa de sua cor dentro do trabalho. Para Renato Meirelles, do Locomotiva, os casos de racismo geralmente aparecem disfarçados de brincadeiras. “Uma entrevistada disse que, quando foi promovida, ouviu de um colega os parabéns por estar, agora, na ‘casa grande’ da empresa.”

“As pessoas podem não falar, mas, quando se é negro, a gente percebe o racismo no olhar”, afirma o executivo do mercado financeiro Haroldo Nascimento. Ele conta, por exemplo, que quando participava com outros colegas de um congresso em um hotel na Zona Sul de São

## ● Condições

“Quando o processo (seletivo) opta por candidatos que fizeram intercâmbios, faculdades caríssimas, reduz as chances de um negro.”

Raphael Vicente

COORDENADOR-GERAL DA FACULDADE ZUMBI DOS PALMARES

Paulo, foi surpreendido por um homem que lhe entregou a chave do carro. “Eu estava entrando no hotel e, de repente, o cara colocou a chave do carro dele na minha mão. Eu joguei a chave no chão e ele perguntou, assustado, se eu trabalhava lá. Respondi: ‘Eu não, e você?’”

**Cabelo.** Para Neivia Justa, sócia da empresa de recursos humanos C-Level Group, os casos de preconceito racial durante processos seletivos são comuns. “Acontece o tempo todo”, diz. “Já ouvi inúmeras mulheres negras contarem ter ouvido dos recrutadores: ‘Você precisa dar um jeito nesse cabelo se quiser trabalhar aqui.’”

Segundo Neivia, que se especializou em diversidade de raça e gênero no ambiente corporativo, na maior parte das vezes a discriminação com um candidato negro se apresenta de maneira velada, quase imperceptível.

“Voute dar um exemplo. Certa vez, apresentamos um alto executivo negro ao fundador de uma empresa de tecnologia. O candidato tinha todas as qualificações necessárias ao cargo, até o inglês fluente. Mas a reação do contratante ao se referir a ele foi: ‘Nossa, que história incrível de superação a do fulano’. Ele ficou buscando argumentos para desqualificar o moço”, diz.

Para o coordenador-geral da Faculdade Zumbi dos Palmares, Raphael Vicente, de maneira geral os processos de seleção são conduzidos de forma a excluírem os negros. “Há uma questão histórica envolvendo a forma como o País tratou dos negros e não é possível dissociar a questão racial da social. Quando o processo opta por candidatos que fizeram dois, três intercâmbios, faculdades caríssimas, ele está reduzindo as chances de um negro.”

## Driblando o racismo



DANIEL TEZEDA/ESTÁGIO

**Qualificada.** Neuz Oliveira foi a primeira da família a obter diploma de ensino superior

## ‘SE VOCÊ É NEGRO, VOCÊ SEMPRE TEM DE SER O MELHOR’

Hoje desempregada, a gestora de marketing Neuz Oliveira diz que sofreu constrangimentos

Mariana Hallal

São comuns os relatos de preconceito no ambiente de trabalho. Antes de perder o emprego no início da pandemia, Neuz

Oliveira, de 46 anos, era gestora de marketing em uma empresa. Até alcançar o cargo, disse ter passado por seleções marcadas por “olhares de cima a baixo” e respostas como “você se encaixa muito bem nessa vaga, mas

estamos mudando o perfil dela”.

Natural de Minas Gerais, veio para São Paulo aos 21 anos e o primeiro trabalho que encontrou foi de empregada doméstica em uma mansão no bairro Morumbi. Por sorte ou destino, os patrões ofereceram uma oportunidade de trabalho como recepcionista em uma agência de publicidade.

Fez um curso técnico de design gráfico e, aos 30 anos, veio a chance de cursar a faculdade de Publicidade e Propaganda por meio do Programa Universidade Para Todos (ProUni). Foi a primeira da família a ter diploma de ensino superior. Depois, fez MBA na USP e um curso de inglês. “Se você é negro, você sempre tem de ser o me-

lhor”, afirma ela.

Neuz relata casos em que sentiu preconceito durante entrevistas de emprego. “Eu estava em uma sala com várias pessoas e era a única negra. Chegou um entrevistador e me olhou de cima a baixo. Ele não disse nada, mas você está tão acostumada que sabe o que aquele olhar quer dizer. Antes de ser entrevistada, eu já sabia que não seria aceita.”

Há cerca de três meses, uma recrutadora a entrevistou por vídeo e afirmou que encaminharia seu currículo a uma empresa que estava com uma vaga para uma profissional exatamente como ela. “Depois de algumas semanas sem resposta, entrei em contato e a recrutadora me falou que não iriam me contratar porque a vaga estava sendo remodelada. Em um momento você é perfeita, tem todas as qualificações, e depois eles dizem que vaga está sendo modificada.”

Já a advogada Danielle Alves, hoje com 28 anos, passou por 17 entrevistas de emprego antes de conseguir uma vaga como jovem aprendiz, aos 16 anos. Foi no departamento fiscal de uma empresa. “Naquela época, não entendia muito bem a questão do racismo e achava que o problema era comigo.” Ela diz que em muitas entrevistas era a única negra e que recebia um tratamento diferente. “Todos ali eram adolescentes da mesma faixa etária com a mesma experiência. Os outros faziam duas ou três entrevistas e passavam, e eu não era aprovada.”

Doutor em Relações Internacionais, Flávio Barros, de 56 anos, diz que poderia ter ainda mais histórias de racismo no currículo se não tivesse conseguido uma oportunidade de sair do País logo depois de se formar em Administração de Empresas na FGV. Fluente em inglês e francês, ele estudou na França e trabalhou na Dinamarca.

Mesmo com esse currículo, não conseguiu emprego na volta ao Brasil. A saída foi empreender. Desde 1997, é dono de uma empresa de análises de conjuntura, prestando serviço a grandes companhias e ao setor público. Até hoje, ele diz que sofre preconceito. “As pessoas perguntam para mim onde está o dono da empresa. Quando entro em uma reunião, os outros questionam quando o responsável vai chegar.”